

Duas faces do capitalismo: Steve Jobs e Wall Street

A morte de Steve Jobs coincidiu com a irrupção do movimento de protesto “Ocupa Wall Street”. O sucesso de Jobs e a indignação contra Wall Street são como que as duas faces do capitalismo.

O mundo despediu-se de Steve Jobs como o empresário mais admirado nesta sociedade da informação. O homem que soube abrir caminho, iniciando a atividade numa garagem e que deslumbrou o mundo com a sua capacidade para criar produtos inovadores que corresponderam a necessidades do público e se adiantaram aos seus gostos. O chefe com o qual muitos gostariam de trabalhar. Com empresários como ele, o capitalismo exibiu a sua força de inovação, o mercado consagrou os produtos de maior qualidade e a liberdade empresarial foi utilizada para estabelecer uma sintonia com os clientes como poucos o conseguiram antes da Apple.

Pelo contrário, os apoiantes do movimento “Ocupa Wall Street” e os indignados de outros países protestam contra os desmandos do capitalismo financeiro que estão na origem da crise económica. Apoiado por uma crescente desregulação, o setor financeiro assumiu riscos de crédito cada vez maiores, com “invenções” que aumentaram imenso o volume de transações com que os bancos podiam fazer dinheiro. Não se tratava do risco do empresário que aposta num produto inovador. Era o risco do especulador, daquele que procura um ganho máximo no curto prazo sem se preocupar com o que virá depois.

Steve Jobs soube oferecer ao público produtos que respondiam, com novas soluções, a necessidades reais, instrumentos confiáveis, bem feitos. E conseguiu que esses produtos fossem simples de utilizar, uma tecnologia “com rosto humano” e desenho atrativo.

O capitalismo financeiro também fez gala de uma grande inovação, na mesma época em que a Apple se desenvolvia. Demasiada mesmo. Mas os seus produtos não foram colocados ao serviço das necessidades do cliente, mas da multiplicação dos lucros dos financeiros, muitas vezes sobre ativos tóxicos. Assim como os produtos da Apple se caracterizavam pela sua simplicidade de manuseamento, os das finanças eram cada vez mais opacos e complexos, para

disfarçar muitas vezes o engano. Com sofisticados instrumentos financeiros que, cada vez menos, eram entendidos (*swaps*, obrigações de dívida garantidas, derivados...), fazia-se circular quantidades de dinheiro superiores ao PIB da economia real. No final, a “alavancagem” afundou-se, revelando a magnitude da ficção financeira.

O mais ofensivo e o que suscita a indignação, é que muitos dos que levaram ao desastre o setor financeiro saíram muito bem tratados, com suculentos prémios e generosas indemnizações, que não poucas vezes concederam a si próprios. Também Steve Jobs era um multimilionário, mas fez o seu dinheiro a vender produtos de excelência, não hipotecas *subprime*. Se, na última década, as ações da Apple subiram 3.500% no Nasdaq, não foi por manobras financeiras, mas pela confiança dos investidores em produtos reais que o público esperava com avidez.

Não se nega que o setor financeiro é um instrumento indispensável para que a economia funcione. Também a empresa da maçã está cotada em Wall Street. O inquietante é o peso que o setor financeiro foi alcançando nos anos anteriores à crise em comparação com a economia real.

A situação era descrita em 2009 pelo ex-economista chefe do FMI, Simon Johnson: “De 1973 a 1985, o setor financeiro nunca obteve mais de 16 por cento dos lucros empresariais nacionais. Em 1986, esse número elevou-se para 19 por cento. Na última década do século, oscilou entre 21 e 30 por cento, mais elevado do que em qualquer outro momento do pós-guerra. Na primeira década do século XXI, chegou a 41 por cento. Igualmente espetacular foi o aumento das remunerações. De 1948 a 1982, a remuneração média no setor financeiro ocupava uma margem entre 99 e 108 por cento da média da totalidade das indústrias privadas. A partir de 1983, disparou até alcançar 181 por cento em 2007” (*Atlantic*, maio 2009, citado em John Lanchester, “Whoops!”).

Esta hipertrofia das finanças é o que acabou por desembocar na fatura da crise. E é o que está a contribuir para desprestigiar a economia de mercado, que irá necessitar sempre de um quadro regulador. Ao fim e ao cabo, se se homenageiam pessoas como Jobs, não é por terem feito dinheiro, mas por terem contribuído com alguma coisa que melhorou a vida de muitos. Pelo contrário, ninguém irá chorar pelos gestores de *hedge funds*.

I. A.

Republicanos de etiqueta simples

Após a retirada de Rick Santorum das primárias republicanas, teoricamente Newt Gingrich representa a opção conservadora mais extrema. Mas, em assuntos sensíveis como a proteção da vida, é possível que, na prática, Mitt Romney e Ron Paul não se diferenciem assim tanto do “terrível” Santorum. Nestas últimas primárias, os chavões não fizeram justiça à realidade.

É difícil meter a alma norte-americana (ou qualquer outra) num molde. A CBS tentou fazê-lo em fevereiro de 2012. Aí, no meio do conjunto, foi pedido aos quatro candidatos favoritos que escolhessem uma palavra que, na sua opinião, os definisse melhor. Ron Paul disse “coerente”, Santorum, “coragem”, Romney, “decidido” e Gingrich, “alegre”.

Todos, claro, tinham de vender a respetiva imagem e seduzir. Não seriam eles a colocar a carcaça à venda. Mas, na hora de se etiquetarem, pelo menos os epítetos diziam algo relevante sobre os seus perfis. E, de certo modo, não estavam muito afastados da realidade.

Nessa altura das primárias, algumas crónicas políticas andavam com falta de verve. Porque dizer que Santorum é um “ultraconservador” (*ultra-right*, em inglês) de cada vez que aparece o seu nome, responde, penso, à inércia e à preguiça mental na maioria dos casos. E só nos mais combativos, à estratégia ideológica.

De Rick Santorum sabemos, por exemplo, que é casado e tem sete filhos. Que se opõe ao aborto. Ou que critica a cobertura dos anticoncepcionais e outros serviços polémicos da reforma da saúde de Obama.

O que não está claro é em que momento da sua carreira política deixou de ser um conservador a seco, para se converter num “ultraconservador”. Terá sido a partir do quarto ou do quinto filho? Ou foi quando disse que o Estado não deveria financiar totalmente os diagnósticos pré-natais, como a amniocentese, que costumam terminar na eliminação de fetos com síndrome de Down?

De qualquer modo, é provável que Santorum tenha deparado com dois rivais “ultras” mais eficazes na prática. Ron Paul, por exemplo. Casado e pai de cinco filhos, opõe-se ao aborto e é considerado como um dos congressistas norte-americanos mais ativos na defesa da vida. Em 2005, impulsionou o “Sanctity of Life Act”, um projeto de lei que, entre outras coisas, definia o início da vida a partir do momento da concepção.

O projeto de lei também pretendia revogar a competência do governo, dos tribunais e das leis federais em matéria de aborto, e conseguir assim, a médio prazo, que cada estado pudesse introduzir restrições ao aborto. Por último, o projeto estabelecia a proibição de financiar, com dinheiro público, a prática de abortos.

Mas nestas primárias, foi destacado sobretudo que Paul era um federalista decidido, o que é verdade. Washington quer que esteja quietinho. O representante do Texas era médico de profissão. Mas, nos anos 60, começou a ler Friedrich Hayek, Ludwig von Mises e outros economistas da Escola Austríaca. Tanto se interessou por esse assunto com eles, que abandonou a medicina e decidiu dedicar-se à política. É um inimigo do intervencionismo estatal e alguns acham que pode estar na origem intelectual do Tea Party.

A Mitt Romney pesa-lhe o descrédito de, sendo governador do Massachusetts, ter apoiado várias medidas controversas e defendido a reforma de saúde de Obama. No entanto, o que aconteceu no estado progressista do Massachusetts foi algo mais complexo. Conta-o a jurista de Harvard, Mary Ann Glendon, num vídeo que os responsáveis pela campanha de Romney deram a conhecer.

Glendon lamenta a intransigência dos que não acreditam em Romney, o qual assegura que se tornou pró-vida entre 2004 e 2005. Será que o movimento pró-vida, interroga-se a jurista, não terá a ver com a obtenção de mudanças profundas nos corações?

A partir dessa altura, “o governador Romney mostrou uma grande coragem política e investiu muito do seu capital político ao defender posições favoráveis à vida quando já se encontrava no Massachusetts. Na altura, o ambiente político era extremamente adverso. 85% da assembleia legislativa era controlada pelo Partido Democrata”.

Neste contexto, diz Glendon, Romney vetou por duas ocasiões, leis que teriam permitido a destruição de embriões humanos; vetou outra que teria permitido comercializar a pílula do dia seguinte; apoiou programas de educação sexual baseados na abstinência, etc.

Vê-se, portanto, que os candidatos da “América profunda” são mais complexos do que parece. Sem nenhum deles ter um especial carisma para enfrentar Obama, pelo menos tem de se admitir que “pintar paredes” não serve para retratar perfis humanos.

J. M.

A Apple lança-se nos livros de texto digitais

Quando a Apple se lança em novos mercados, o resto das empresas do setor ficam nervosas. O gigante norte-americano anunciou recentemente o seu novo projeto de livros de texto digitais através do iPad. Este salto para a frente surpreendeu os próprios e os alheios. A indústria do livro de texto digital é

ainda muito limitada. Rob Reynolds, diretor do MBS Direct Digital, estima que só 6% dos livros de texto serão digitalizados este ano.

Mas isto não inquieta a Apple. Criou o iBooks 2, uma aplicação gratuita. É um novo conceito de livro de texto dinâmico, atrativo, interativo e atualizado permanentemente. Segundo Philip Schiller, vice-presidente da Apple, hoje haverá 1,5 milhões de iPads, usados em instituições educativas. Schiller diz: "não é difícil ver que o livro de texto nem sempre é a ferramenta ideal de aprendizagem", disse. "É algo embaraçoso". A Apple diz procurar que os estudantes aprendam de modo mais eficiente e efetivo. O novo livro digital permitirá tomar notas, sublinhar, procurar por conteúdos, etc.

Além do mais, qualquer autor que trabalhe com um Mac, poderá criar os seus próprios iBooks. A Apple criou uns modelos - iBooks Author - para que os que queiram, publiquem o seu livro digital.

Esta situação obrigou as grandes empresas de livros de texto a juntar-se à mudança. Gigantes como Houghton Mifflin Harcourt, McGraw-Hill e Pearson, entregarão os seus conteúdos à iBookstore. É a única maneira de não ficarem fora de um mercado em alta. Este novo sistema trará como consequência um embaraçamento do preço dos livros. O preço rondará os 15 dólares.

Também anunciou uma nova aplicação, iTunes U, com a qual professores e alunos poderão dar e receber cursos. A aplicação permitirá aos utilizadores do iPad aceder a conteúdos educativos gratuitos. Também será disponibilizado um utilizador para poder aceder ao maior catálogo de conteúdos educativos gratuitos, criados por centros de prestígio como Cambridge, Duke, Harvard, Oxford e Stanford.

Outra das grandes vantagens será a possibilidade de assistir a cursos sem estar na aula. "O novo iTunes permitirá assistir a cursos das universidades mais famosas", assinalou Eddy Cue, vice-presidente na Internet da Apple. Mas isso dependerá do que as Universidades quiserem pôr ao alcance do público grátis.

Mas mesmo o que durante décadas se tem investigado sobre aprendizagem está prestes a mudar. A empresa do falecido Steve Jobs está resolvida a ir por diante na mudança. A princípio, pensava-se que ia ser só para o público universitário. Mas Philip Schiller deixou muito claras as intenções para o futuro: "Vão ver livros de texto para todas as disciplinas em todos os anos".

Ninguém duvida que os livros de texto digitais para iPad serão mais atrativos que os impressos. Mais problemático é que sirvam de facto para estudar. Não é fácil manter a atenção sobre o livro de texto quando se estuda num dispositivo pensado para o lazer, com acesso à Internet, correio eletrónico, música, vídeos... Muitos recursos educativos novos estarão ao alcance de um clique, mas terão de competir com elementos de lazer não menos acessíveis. Haverá menos

peso nas mochilas, mas está para ver se haverá mais peso nas cabeças.

A. G. D.

(com autorização de www.aceprensa.pt)

Despojos de Inverno

Winter's bone

Realizador: Debra Granik

Atores: Jennifer Lawrence; John Hawkes

Música: Alexandre Desplat

Duração: 100 min.

Ano: 2010

Esta obra foi nomeada aos óscares de 2011 em 4 categorias: melhor filme, argumento, atriz e ator secundário. Narra uma dura e crua história familiar. Um pai desaparece ao sair da prisão, envolvido no tráfico de droga. Os seus filhos, um rapaz e duas raparigas, são abandonados. A mais velha decide cuidar dos irmãos pequenos e da mãe, uma senhora doente devido às experiências traumáticas sofridas... A polícia aparece e avisa a filha que irão ser todos separados e sair da casa onde vivem. Como não tinham dinheiro para pagar a fiança que libertara o pai, o tribunal decidira vender a casa e enviar os ocupantes para diversas instituições de caridade. Só haveria uma solução: encontrar o pai ou provar que morrera, deixando assim de ser necessária a fiança. A rapariga resolve então ir procurar o pai e descobrir o que acontecera. A vontade em manter a família unida dá-lhe força e coragem.

Começa por ir ter com outros familiares para conseguir obter algumas pistas, mas é rejeitada. Velhos ressentimentos ainda subsistem. Ela insiste. Fala com uns e outros. Começa a envolvê-los no seu drama. Vários membros desse ramo familiar tentam aliciá-la a que siga por "maus caminhos", mas ela resiste por amor aos seus irmãos e à mãe. Um dia recebe o apoio decisivo de uma pessoa da qual não esperava. A perseverança e a coerência das suas atitudes acabam por vencer e apesar da dureza da situação, sai fortalecida de toda a crise.

Tópicos de análise:

1. Lutar por um ideal nobre eleva o indivíduo a procurar metas altas.
2. A intimidade deve ser defendida e revelada somente a pessoas de confiança.
3. Fixar objetivos intermédios acessíveis, anima a avançar até ao objetivo final.
4. Insistir, enfrentando as dificuldades, robustece a motivação da pessoa.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

